

# Revista Adventista

«ATÉ QUE TODOS CHEGUEMOS À UNIDADE DA FÉ, AO CONHECIMENTO DO FILHO DE DEUS»

(S. PAULO, AOS EFÉSIOS, 4:13)



ao correr  
da pena...

## Prometeu ...

É frequente recebermos reclamações de vários lados, baseadas numa frase comum: «Foi-me prometido...».

Muitas vezes, quase sempre, feitas as respectivas investigações, chegámos à conclusão que ninguém em posição directiva tinha feito tal promessa. Outras vezes, conversara-se sobre o assunto, indicara-se o que seria útil para o reclamante mas sem nenhuma promessa. De forma geral, trata-se sempre duma imaginação exaltada do reclamante. Imaginou, sonhou no que lhe convinha e acabou por pensar que lhe fora prometido.

Promessas só devem ser admitidas quando feitas por quem de direito e de harmonia com os interesses da Obra de Deus. Mesmo assim, promessas não são contratos.

Qualquer pessoa sensata não dará ouvidos às queixas de tais reclamantes mas, quando lhes pareça bem fazê-lo, queiram indagar as provas de tal promessa antes de se pronunciar.

## O Congresso de Amesterdão...

Em 22 de Agosto de 1948 iniciou-se em Amesterdão, cidade da Holanda, um Congresso com representantes de 42 nações e de 150 igrejas evangélicas diferentes (e não estavam todas!) com o fim de planear a unidade do protestantismo, como primeiro degrau da união entre todos os cristãos.

Nesta revista traduzimos um artigo do nosso jornal oficial Review and Herald. Nada diremos sobre o Congresso a não ser isto: congratulamo-nos com essa importantíssima ideia, pela qual também lutamos, como se pode ver no cabeçalho da nossa revista.

Tivemos, porém, muita tristeza

num simples facto que pode ser banal mas que se nos afigura muito sintomático: encontrámos em Hendaia um pastor duma denominação protestante em Portugal, de nacionalidade brasileira; ia para Amesterdão. Falámos, apertámos a mão, trocámos cartões; pois não foi homem para nos dizer que ia assistir ao dito Congresso, nem expressar a mínima surpresa por não ser convidado um representante da Igreja Adventista Portuguesa! Só, dias depois, pelo jornal protestante francês La Réforme é que viemos a ter conhecimento do dito Congresso. Ficámos muito penalizados perante esta pequena falta de fraternidade cristã. E, com espíritos destes, não nos parece possível a unidade dos protestantes e muito menos a unidade dos cristãos. O cristianismo tornou-se uma indústria muito complicada, com muitas fábricas, grémios e marcas.

## Processos duvidosos...

Há tempos apareceu em cima da nossa mesa um folheto dos Davidianos com uma larga lista de adesões e frases cheias de simpatia subscritas apenas com iniciais. Queria o dito folheto significar que alguns ministros adventistas, representados por aquelas iniciais, estavam de acordo com as doutrinas davidianas.

Mas quem poderá acreditar na veracidade daquelas afirmações? As iniciais não correspondem às de nenhum ministro adventista na União Portuguesa. De resto, parece-nos que são todos medianamente honestos e leais e que, sendo assim, não ficariam a receber o seu vencimento dos Adventistas concordando com os Davidianos.

E mesmo que, por casualidade ou fatalidade, correspondessem às iniciais de qualquer ministro

adventista, o documento era simplesmente apócrifo e anónimo. Afigura-se-nos até que poderíamos chamar à responsabilidade o seu autor, se as afirmações tocassem na honorabilidade da nossa Igreja.

Dentro da nossa União, obreiros e membros gozam da plena liberdade religiosa de examinar todas as coisas e são aconselhados a reter o bem onde o encontrem. Sempre que vejam qualquer doutrina com aspecto de verdade queiram convencer o seu pastor. Este, por sua vez, convencerá ou será convencido pelo Conselho director. E assim, de escalão em escalão, chegaremos até à Conferência Geral, a mais alta autoridade adventista. Quando esta aceitar, tal doutrina será incorporada nos nossos catecismos e manuais de teologia.

É tão simples manter a unidade, quando não haja espírito de indústria.

## Nomeações

Nos fins dos anos reúne-se um grupo de pessoas, nomeadas pelas congregações, para escolherem, na irmandade, quem deverá ocupar os cargos de trabalho e responsabilidade durante o próximo ano. É da letra dos regulamentos denominacionais que não deve haver política, partidarismo, em tais nomeações, mas devem apenas ser escolhidas as pessoas competentes e desejosas de trabalhar. Para isso, devem ser abordadas antes da nomeação a fim de que o «Comité» de Nomeação tenha a certeza da sua boa vontade em trabalhar.

Precisam as igrejas e os membros das Comissões atenderem a certos pormenores desrespeitados frequentemente. Por exemplo:

1.º — Com frequência se vê que a Comissão se nomeia a si própria!

(Conclui na página 15)

## Prezados Dirigentes, Secretários e Jovens do M. V.

Em primeiro lugar, quero apresentar os meus cumprimentos e saudações aos dois novos dirigentes dos M. V. na Divisão: Irmão G. Vandenvelden, nomeado para dirigir os M. V. na Bélgica, e o Irmão A. Houriet, para dirigir os M. V. na Conferência de Leman, na Suíça. Aproveito a oportunidade, para desejar a estes irmãos as mais ricas bênçãos de Deus, nas suas novas e grandes responsabilidades de prepararem a Juventude para terminar a obra de Deus.

Veio o verão e já passou, e, com ele se realizaram vários acampamentos e Congressos dos M. V. no nosso campo. Quase todos os dias, continuam a chegar, aqui, a Berna, notícias de jovens dos dois sexos, recordando os belos dias, que passaram naqueles acampamentos ou Congressos. Durante o Verão muitos jovens e meninas entregaram os seus corações ao Mestre, pela oportunidade que tiveram de assistir aos acampamentos e Congressos que então se realizaram. Hoje, estão estes jovens resolvidos a consagrar as suas vidas ao serviço alegre do Mestre. Assim, podemos ver, como é proveitoso o convívio fraternal dos nossos M. V. de tempos a tempos, por ocasião destas reuniões.

Dou-vos, agora, algumas notícias mais importantes das actividades dos nossos M. V. durante o Verão.

No dia 1 de Julho, recebi, em Lisboa, o Pastor Dunbar, dirigente dos M. V. da Conferência Geral, que acabara de chegar, a Portugal, vindo de navio. Seguimos ambos, imediatamente, para o nosso Seminário em Portalegre, precisamente, onde se realizou o I Congresso da Juventude Adventista Portuguesa. Teve lugar, este Congresso, de 1 a 6 de Julho. Portugal é pequeno, mas a Direcção, confiada ao Pastor Dias Gomes, não se poupou a trabalhos e diligências, para reunir cerca de trezentos dos nossos jovens portugueses, para assistir ao Congresso. Pode dizer-se, em resumo, que este Congresso foi cem por cento um verdadeiro êxito no encorajamento desta juventude para se aproximar mais de Deus e inspirá-la a partilhar a sua fé com tantos outros jovens.

Numa das noites do Congresso, no alto duma montanha dominando, em volta, a planura e os campos disseminados de oliveiras, tivemos o privilégio de dar a investidura a mais de cinquenta jovens, como companheiros, guias e dirigentes. O Prof. Ferreira, que é o Director do nosso Seminário, é, também, dirigente M. V. e está em contacto permanente com os seus jovens, principalmente, no Seminário, animando-os no trabalho das classes progressivas. Acredita, plenamente, no nosso programa, porque vê que o trabalho que os seus jovens estão realizando nestas classes, os ajudam a tornarem-se melhores Missionários Voluntários.

Este nosso primeiro Congresso da Juventude Adventista em Portugal, deixou, em todos estes jovens corações, um ardente desejo de partilhar a sua fé e alegria, com outros. No Sábado, de manhã, 33 Congressistas deram os seus corações ao Mestre e os seus nomes para a classe baptismal, respondendo ao apelo que lhes dirigiu o Irmão Dunbar. Na tarde de Sábado, fizeram-se 14 baptizados. São estes, dias de vitória, que durante muito tempo serão lembrados em Portugal. A nossa Juventude de Portugal enviou para

a Juventude dos nossos campos, as suas mais calorosas saudações.

Depois deste Congresso Português, assistimos, o Pastor Dunbar e eu, a umas pequenas reuniões de Juventude, em Madrid e Paris. Na Espanha, a nossa Juventude é, verdadeiramente, a esperança do nosso trabalho naquele país. O Irmão Aguilar realizou o nosso primeiro acampamento dos M. V. na Espanha, este ano, com grande êxito. Disse-me: «Nunca imaginei quanto de bem se pode fazer através dum acampamento dos M. V.». Na nossa reunião anual, em Barcelona, tive, este ano, o privilégio de ver 22 jovens fazer a sua decisão, aceitando o chamamento do Mestre para o baptismo. Muitas destas decisões foram o resultado directo do nosso acampamento dos Missionários Voluntários. É isto uma prova palpável do que o nosso M. V. pode fazer.

Depois de ter chegado a Paris, verificámos que o programa «Mostrai a vossa Fé» está ganhando raízes nos corações dos nossos jovens parisienses, sob a hábil direcção do Irmão Tièche, secretário do M. V. da União, e do Irmão Henriot, secretário do M. V. da Conferência da França do Norte. Na nossa reunião de Paris, foram apresentados testemunhos, quanto ao modo como os nossos jovens franceses estão fazendo esplêndido trabalho aproveitando todas as ocasiões para levar a juventude do mundo aos pés de Jesus Cristo. Armam tendas, onde dão estudos bíblicos, que são ouvidos por muita gente, que se mostra interessadíssima. Os jovens M. V. mostram-se satisfeitos com este trabalho, e sentem-se felizes por terem oportunidade de dar uma explicação da fé que possuem.

O Congresso da Juventude de Salzburgo, sob a direcção dos Irmãos Pieringer, Schnotzinger, Ubersax e deste vosso humilde servo, foi, realmente, um farol para a nossa Juventude suíça e austríaca, que será recordado, durante muito tempo. Tivemos boa assistência, entre 550 e 750 pessoas. O Sábado, 17 de Julho, foi, verdadeiramente, um dia de grande vitória, pois 140 jovens responderam ao apelo do Irmão Dunbar, pedindo o baptismo e prometendo, perante os seus camaradas, dedicar as suas vidas ao serviço eterno do Mestre. Talvez nunca tenhamos visto uma tal manifestação do poder de Deus entre os nossos jovens, na nossa Divisão, como aqui.

Sinto-me contente em dizer-vos que tivemos boa publicidade do Congresso de Salzburgo, no jornal Die Wende, que é o jornal da juventude católica na Austria.

O repórter deste jornal católico, que assistiu ao nosso Congresso e viu a Juventude Adventista mostrando, alegremente, a sua fé num Deus vivo, escreveu na sua reportagem, que a Juventude Adventista estava levando avante o facho da luz, esta Juventude Adventista deveria ser considerada como um grande émulo para a Juventude Católica, para uma devoção mais fervorosa ao programa da Igreja.

Que nós, como dirigentes dos nossos jovens, nos esforcemos sempre, para continuar a preparar a juventude para Jesus com os mais altos e melhores princípios de conduta, no mundo.

J. J. AITKEN

Em 22 de Agosto, 1.450 delegados representando 42 nações e 150 igrejas separadas, reuniram-se em Amesterdão, oficialmente, para se constituírem em Concílio Mundial de Igrejas. Depois das grandes reuniões da inauguração, os delegados começaram a pôr em prática, um pesado programa. Em primeiro lugar, votaram o Concílio como realidade existente; isto foi a 23 de Agosto. Foi votada a sua constituição, e autorizado o regulamento e, finalmente, elegeram-se uma comissão administrativa.

A importância do Concílio de Amesterdão está no facto de ter sido, pela primeira vez, depois da *Reforma*, que 150 igrejas não-romanistas, se associaram numa organização permanente para amizade mútua e cooperação. Deu-se um novo e único passo, em Amesterdão, que terá imensas, embora ainda invisíveis consequências, para a igreja de Deus no mundo.

Do acordo com a constituição do Concílio Mundial, o secretário geral, W. A. Visser't Hooft, numa bela alocução mostrou o que o Concílio pretendia ser e fazer, e o que era e não era.

Salientou que «não pretende tornar-se uma super-igreja, um centro de poder eclesiástico, que controlará as igrejas que a ele aderirem... Repudiamos a noção de que o Concílio seja uma autoridade administrativa centralizada. Somos um concílio de igrejas, e não o concílio duma igreja indivisa».

### Oportunidade para discussões

O Concílio Mundial é uma sociedade de igrejas, análogo à Sociedade das Nações ou à ONU, onde as igrejas autónomas poderão discutir; esperam, assim, os seus representantes chegar a descobrir bases sólidas, sobre as quais várias igrejas se possam unir, até se formar, por fim, uma igreja indivisa.

Isto mesmo o declarou, claramente, o sr. 'T Hooft: «A colaboração não é suficiente — disse. O único objectivo digno dum concílio de igrejas é o de manifestar uma igreja indivisa. O nosso Concílio representa, assim, uma solução de emergência, um corpo entre o tempo de completo isolamento das igrejas umas das outras, e o tempo — na terra ou no céu — em que será visivelmente verdade, que há um só Pastor e um só rebanho.

# O CONCÍLIO MUNDIAL DE IGREJAS

É este, decerto, um nobre ideal, mas convém notar que há perigos inerentes, assim como pontos débeis numa reunião eclesiástica, como o Concílio Mundial. Porque, tal como na Sociedade das Nações, há uma possibilidade de «potências espirituais» que podem, muitas vezes não representar «a verdade», ocupando posição dominante.

Não é de todo inconcebível que as igrejas associadas possam ser levadas para um desenvolvimento não bíblico, que tenha em pouca conta os grandes princípios do Protestantismo; deste modo, o Concílio Mundial poderia tornar-se numa arma poderosa que lutaria por tudo, menos pela verdade de Deus. São coisas, estas, que os verdadeiros membros das igrejas protestantes do Concílio necessitam de considerar. Depois de se ter definido a natureza, o escopo e as funções do Concílio Mundial, as outras poucas sessões plenárias foram ocupadas com as relações da igreja, no seu ambiente, e no mundo.

O primeiro assunto que se tratou, intitulava-se: «A desordem do homem e o plano de Deus».

O famoso teólogo suíço, dr. Karl Barth, disse: «O último grau de toda a desordem humana, é a ideia de que o homem é o Atlas, que está destinado a sustentar a cúpula dos céus aos ombros. Confesso, que tenho receio de que, em todo este material que temos diante de nós... a providência de Deus, o Seu Reino já fundado, a reconciliação do mundo já realizada, o Espírito Santo, e a segunda vinda gloriosa de Jesus Cristo, — esteja alguma coisa fora do circulo que consideramos sob o tema: «Desordem do homem e plano de Deus», em todo este nosso trabalho preparatório.

Vejo em todo este material que temos diante de nós — é estranho dizê-lo — qualquer coisa, como uma sombra pesada, que parece surgir do facto de muitos serem de opinião de que, nós cristãos e homens da igreja devemos realizar o que somente o próprio Deus pode fazer».

### Dirigentes do Concílio, e não «Dirigentes Administrativos»

«Saíamos para fora desta sombra — disse o dr. Karl Barth. — Sejamos testemunhas de Deus, pois Ele não nos chamou para sermos seus advogados, engenheiros, estatísticos ou dirigentes administrativos.

O reino que devemos mostrar ao mundo, deve ser o reino de Deus, e não o reino de qualquer espécie de ideias e princípios que nos tenhamos, pois doutra maneira corremos o risco de mostrar ao mundo, invocando a autoridade da palavra de Deus, o nosso programa, e não o de Deus.

Temos uma única esperança revolucionária para proclamar ao mundo, mas não temos sistemas de princípios económicos ou políticos para oferecer, que presumam conter esta esperança.

Não somos nós quem poderíamos mudar este mundo mau, num mundo bom. Deus não abdicou a sua soberania nas nossas mãos. A salvação do mundo, que já foi realizada, não foi obra nossa. Assim como, o que ainda falta, a revelação da salvação do mundo num novo céu e numa nova terra, não é trabalho nosso, mas de Deus. O

(Conclui na página 15)

# OS QUE NADA FAZEM

POR E. T. GACKENHEIMER

Uma vez um exército estava convocando as suas forças a fim de deter o inimigo antes que invadisse a sua terra. Soou o toque de clarim para os soldados. Houve pronta resposta e um bem disciplinado exército atacou o inimigo e perseguiu-o. Entretanto, na ocasião em que se fizera a chamada para reunir em torno da bandeira, uma cidade recusou-se a mandar os seus soldados. Essa cidade ficava nas fronteiras da terra contestada, de modo que eles raciocinaram que, de qualquer lado que estivesse a vitória, estariam seguros mantendo a neutralidade. A triste situação era a de que esta cidade pertencia ao país sitiado. Era evidente que eles deviam ter briosamente lançado a sua sorte ao lado do seu próprio povo, e, acontecesse o que acontecesse, cumprido o seu dever.

Esta história acha-se relatada no livro de Juízes, nos capítulos 4 e 5. O povo da cidade de Meroz era israelita, residindo nas fronteiras da terra. Os belicosos cananeus haviam sido empregados por Deus para chamar Israel ao arrependimento. Mas estavam indo demasiado longe, e Israel clamava a Deus por libertação. O Senhor ouviu e suscitou Débora e Barac, que convocaram imediatamente os homens para saírem e atacarem o inimigo. Deus os abençoou assinaladamente, e o exército cananeu foi perseguido e completamente derrotado.

Mas o povo de Meroz recusou-se a mandar os seus homens à batalha. Pensaram que, se os cananeus vencessem, não ficariam então sujeitos a uma cruel servidão. Se Israel ganhasse, poderiam pelo menos alegar que não o haviam combatido. Deus, porém, viu as coisas de maneira diversa. Terminada a batalha, o povo de Israel entoou um cântico de triunfo a Deus, e nesse cântico se achava esta acusação: «Amaldiçoei Meroz, diz o anjo do Senhor, acrememente amaldiçoei os seus moradores: porquanto não vieram em socorro do Senhor, em socorro do Senhor com os valorosos». Juízes, 5:23. Por que foram eles amaldiçoados? Por terem combatido ao lado dos inimigos? Não. Foi porque não tinham feito *nada*. Era esse o seu pecado. Deus olhou-os com aversão por Lhe haverem faltado na hora da necessidade.

É de primeira importância que estejamos a postos e operando em favor de Deus. «Muitos dos que se eximem do esforço cristão, alegam a sua incapacidade para a obra. Fê-los, porém, Deus assim incapazes? Não, nunca. Essa incapacidade é o produto da sua própria inatividade, e é perpetuada por sua própria e deliberada escolha». — *Christ's Object Lessons*, pág. 365.

Prezado irmão e irmã, vai em andamento a batalha em prol do direito. O inimigo de todas as almas está contestando o campo. Deus vos chama a ir em auxílio do Senhor contra as poderosas forças do mal. Não negligencieis esta oportunidade. Entregai o vosso tempo e os vossos talentos para uso do Mestre. Não permitais que a vossa vida seja contada entre os que nada fazem. Que a vossa existência fale continuamente em favor de Deus!

## Dados estatísticos interessantes

NO FIM DO 3.º TRIMESTRE DE 1948

(Segundo o relatório do Secretário enviado à Divisão)

### Membros de Igreja

Conferência Portuguesa .....	841
1) Lisboa-Cascais .....	315
2) Porto .....	109
3) Setúbal .....	75
4) Portalegre .....	65
5) Seminário .....	62
6) Tomar .....	60
7) Barreiro .....	46
8) Algarve .....	37
9) Ribeira de Niza .....	32
10) Coimbra .....	30
11) Niza .....	10
12) Missão da Madeira .....	123
13) Missão dos Açores .....	73
14) Missão de Cabo Verde .....	84
15) Missão de S. Tomé .....	129
<i>Total</i> .....	1.250

### Membros da Escola Sabatina

1) Conferência Portuguesa ....	739
2) Missão da Madeira .....	95
3) Missão dos Açores .....	92
4) Missão de Cabo Verde .....	?
5) Missão de S. Tomé .....	161
<i>Total</i> .....	1.087

### Membros do M. V.

Conferência Portuguesa .....	496
1) Lisboa .....	100
2) Porto .....	73
3) Coimbra .....	23
4) Tomar .....	26
5) Niza .....	40
6) Ribeira de Niza .....	15
7) Portalegre .....	29
8) Seminário .....	52
9) Barreiro .....	24
10) Setúbal .....	81
11) Algarve .....	33
12) Missão da Madeira .....	93
13) Missão dos Açores .....	54
14) Missão de Cabo Verde .....	93
15) Missão de S. Tomé .....	92
<i>Total</i> .....	828

# CONGRESSO D

(1 A 6 DE JU

Na bela manhã de sábado de 3 de Julho do corrente ano de 1948, após o culto realizado, ao ar livre, no pendor duma frondosa encosta, dentro da Quinta de Santo António, culto que foi dirigido pelo Pastor Dunbar, — fez este um fervoroso apelo a todos os presentes que ainda não eram baptizados, para que tomassem a sua decisão. Correspondendo ao apelo, registaram-se os seguintes nomes:

Alfredo Viana Espírito Santo — Setúbal.  
Severino Jesus Saraiva — Setúbal.  
Tilda Jesus Rita dos Santos — Setúbal.  
Virgínia Cristina — Setúbal.  
Perpétua Santos Gaspar — Setúbal.  
Albano de Sousa — Porto.  
Júlio Monteiro — Porto.  
Maria Melo — Lisboa.  
Fernando Pinheiro — Lisboa.  
Ana da Graça Nunes — Niza.  
Joana Gomes Serra — Niza.  
Maria da Cruz Sampaio Serra — Niza.  
Rosária Tobias — Niza.  
Margarida Alfaia Tremoço — Niza.  
Catarina Beato Caldeira — Niza.  
Maria José Beato Serra — Niza.  
Joaquim da Graça Tremoço — Niza.  
Margarida Sampaio Serra — Niza.

*(Esta lista está incompleta)*

Praza a Deus conservar-lhes no espírito esta bela decisão e, caso não estejam ainda congregados ao povo de Deus, pelas águas do baptismo, possam dar esse passo, em breve, ajudados pelos respectivos Obreiros locais.

Na tarde do mesmo santo dia de Sábado realizou-se a tocante cerimónia dos baptismos. Foram ministrados pelo Pastor Ernesto Ferreira. Num ambiente de ternura e grande espiritualidade, baixaram

às águas baptismas, os seguintes novos Irmãos:

Georgina Gomes — Setúbal.  
Artemiza Lopes — Setúbal.  
Maria Adelaide Serra — Setúbal.  
Alfredo Lopes — Setúbal.  
Edviges do Carmo — Setúbal.  
Emília Teixeira — Barreiro.  
José Anacleto Costa — Salvador.  
Maria Estrela Anacleto — Salvador.  
Catarina Ana Costa — Salvador.  
Virgínia Nunes — Portalegre.  
Ana Antónia Correia — Niza.  
Deolinda Carvalho — S. Julião.  
Silvino Carrilho — S. Julião.  
Maria José Trindade — S. Julião.

Ao vibrante apelo lançado pelo Director da União, Pastor Dias Gomes, à Juventude a favor do trabalho pró-Missões, responderam, entusiasticamente, os seguintes jovens:

Afonso António — Lisboa.  
Albano de Sousa — Porto.  
Alfredo Maria Lopes — Setúbal.  
Armando Pires — Seminário.  
Carlos de Ascensão Esteves e Esposa — Entroncamento.  
Ester dos Santos — Seminário.  
Fernando Simões — Amadora.  
Francisco Cordas — Algarve.  
Ilda Noivo — Seminário.  
Jaime Camacho — Seminário.  
Joaquim A. Morgado e Esposa — Lisboa.  
João Gomes — Lisboa.  
José Abella — Seminário.  
Júlia Sanches — Seminário.  
Júlio Mesquita Monteiro — Seminário.  
Luís Quaresma Vaz d'Almada — Seminário.  
Manuel Silva Bruzaca — Seminário.  
Manuel Dias Laranjeira — Portalegre.  
Noémia Isabel Ribeiro Vasco — Portalegre.  
Palmira do Céu Henriques — Seminário.  
Vitor Manuel Martinez — Seminário.

## Comissões encarregadas de apresentar planos ao Congresso

1.<sup>a</sup> — «Sobre o Estudo e Carreira»:

Pastor Ernesto Ferreira, Director do Seminário.  
Dr.<sup>a</sup> Rosa Raposo.  
Prof. Celestina Galvão.  
Prof. Maria Augusta.  
Prof. Maria Edith Nunes.  
Ev.<sup>ta</sup> Samuel dos Reis.  
J. Nunes Branco.  
José Graça.  
Casimiro Pontes.  
Cipriano Baptista.

2.<sup>a</sup> — «Sobre a Vida Moral e Religiosa»:

Pastor Ernesto Ferreira, Director do Seminário.  
Ev.<sup>ta</sup> Samuel dos Reis.  
Ev.<sup>ta</sup> José Grave.  
Ev.<sup>ta</sup> Francisco Cordas.  
Jorge Mendonça.  
Fernanda Mendonça.  
Helena Monteiro.

3.<sup>a</sup> — «Sobre Divertimentos»:

Ev.<sup>ta</sup> J. Pires.  
José Graça.  
José Abella.  
Fernando Mendes.  
J. Morgado.  
Vitor Martinez.  
Gracinda Miranda.

4.<sup>a</sup> — «Sobre Trabalho Missionário»:

Pastor A. Dias Gomes.  
Pastor Ernesto Ferreira.  
Fernando Mendes.  
Filipe Esperancinha.  
Armando Pires.  
Ester Santos.

# A JUVENTUDE

LHO DE 1948)

## Relatório da Comissão de Jogos

«1.º — Reconhecemos a necessidade imediata de haver salas, onde os jovens possam passar as suas horas destinadas aos divertimentos, e seja um meio de prender a juventude à igreja.

2.º — Reconhecemos que se não forem dados os meios necessários para a realização dos programas da Juventude ela irá buscar a lugares, a maior parte das vezes pouco recomendáveis, as distrações que o seu espírito e a sua vida necessitam.

3.º — Reconhecemos a necessidade de aumentar o número de reuniões e fazer com que sejam, quanto possível, realizadas ao ar livre.

4.º — Reconhecemos a necessidade de ampliar o jornal «M. V.» que deve inserir, especialmente, artigos de orientação e noticiário.

5.º — Reconhecemos como um belo meio recreativo, as actividades das Classes Progressivas, devendo ser fornecidos a todas as Sociedades de Jovens, programas detalhados, perfeitamente adaptados à juventude portuguesa.

6.º — Reconhecemos que em todas as actividades no campo, os jovens devem realizar, sempre, qualquer trabalho missionário.

7.º — Reconhecemos a necessidade de incluir nos programas das nossas escolas, a educação física, e os jogos educativos, devendo, também, estender-se estes últimos a todas as sociedades dos jovens. Os jovens que no Seminário se preparam para obreiros e professores devem aprender a dar esses exercícios de ginástica e jogos, de modo que, quando forem para as suas igrejas possam realizar algum trabalho nesse sentido.

8.º — Reconhecemos a acção educativa do cinema, sendo pois de toda a vantagem que se reali-

zem em todas as igrejas, sessões especialmente preparadas para a juventude.

9.º — Propomos a realização de estágios especiais, de modo a serem dadas instruções práticas das várias actividades das Classes Progressivas, para serem levadas depois a efeito nas várias igrejas.

10.º — Todos os anos devem ser fornecidas informações completas aos vários Directores das Sociedades, tais como: cursos de leitura, plano geral de actividades, etc..

11.º — Propomos que os Pastores das igrejas recomendem aos pais para apoiar todas as actividades dos jovens propostas pela Igreja, e nunca as critiquem em frente de seus filhos, pois isso diminui a autoridade moral da Igreja sobre a juventude e inibe de realizar os programas estabelecidos. Quando, no entanto, encontrarem alguma deficiência devem, pessoalmente, dirigir-se à pessoa responsável e dar a sua opinião.

12.º — Desejamos recomendar aos jovens que evitem, ao máximo, a frequência de espectáculos públicos ou outros centros de diversão, cabendo, no entanto frisar, que esta recomendação só terá viabilidade, quando a juventude encontrar na sua igreja, um centro agradável de recreação.

13.º — Recomendamos a toda a juventude, que se mantenha sempre firme aos princípios da fé cristã, ainda que, para tanto, tenha de lutar contra todas as contrariedades e deficiências».

## Relatório da Comissão de Moral e Religião

«Considerando os tempos perigosos em que vivemos e as tentações a que estamos sujeitos como jovens, e sentindo a necessidade da santificação de todo o nosso ser, Nós, Missionários Voluntários reunidos neste Congresso, resolvemos envidar todos os esforços para:

1.º — Manter uma comunhão mais íntima com Deus, por meio

da oração e do estudo da Sua Palavra, seguindo a devoção matinal e o Ano Bíblico.

2.º — Abster-nos de tudo o que, pela sua influência nociva, nos possa afastar de Deus, como más leituras, cinema, teatro, bailes, álcool, fumo e desportos incompatíveis com os nossos ideais.

3.º — Fazer com que o lar a constituir, ou já constituído por nós, não esteja preso a um jugo desigual, segundo o conselho do Apóstolo.

4.º — Buscar o auxílio de Deus, a fim de que, os que dentre nós tivermos de passar pela vida militar, mantenhamos firme e praticamente, os princípios da nossa fé.

5.º — Guardar, em todas as circunstâncias da vida, o mandamento do Sábado, assim como os restantes mandamentos do Decálogo».

## Relatório da Comissão de Estudo e Carreira

### A guarda do Sábado nas Escolas

«Considerando as actuais dificuldades para a guarda do Sábado nas Escolas, resolvemos, como Missionários, reunidos neste Congresso:

1.º — Mantermo-nos, com a ajuda de Deus, leais à sua Lei, pedindo-lhe sabedoria, para realizar os nossos estudos sem transgressão do IV Mandamento.

2.º — Pedir a Deus que abra as portas, para que, em Portugal, a nossa Juventude académica possa fazer os seus estudos em escolas adventistas».

### Escolha de uma carreira

«Reconhecendo a importância e dificuldade da escolha duma carreira, resolvemos, ao dar esse passo:

Mantermo-nos firmes aos princípios fundamentais da fé cristã, na Igreja Adventista».

# Relatório da União Portuguesa

apresentado no Winter Council, Brou...

You are very kind in giving your attention to the poor report of your Portuguese Union, for the work realized during the ten months of the year 1948.

Everything is small and poor in Portugal: territory, size of towns, population, wealth; also the faith, courage and diligency among all classes of Portuguese society.

You don't admire if our report presents you small and poor figures.

As you can see, we had a baptismal goal of 239.

We reached already 175. May be some of our gallant and consecrated workers are putting an effort to baptize more this year. But now is the winter time and cold has a sad influence over all bodies — it contacts and it freezes everything. Let us rejoice, if we can, with the baptisms made.

A day will come when better workers in better conditions will baptize in a month more than we could in a year. S. Thomas mission reported already more 17 baptisms; they reached 50 in a year.

I remember very well, it was necessary 20 years to baptize the first one hundred!

The financial report is not absolutely bad. During the three quarters of the year, your Portuguese Union reached almost entirely all the proposed goals. The Big Week was made during this last quarter. The indicated tithes do not comprise the workers tithes; our treasure ajoin them at the end of the year to the churches.

Our Union treasure gave us the good news of 104.000 Esc. in the Building Fund. We have enough money for building a pretty little chapel where it seemes you better.

My Brethern from greater and richer countries, can you imagine what means to ask for adventist mission work in a poor country with only one modern town of less than a million inhabitants? What means to preach the gospel in towns where some years ago the inquisition burnt people, just because they had a Bible?

Now we have enough liberty to live our religion and to place our literature in the hands of people.

What handicaps our efforts in H. I., for instance, it is not the lack of enthusiasm, of courageous women and men, but just the smallness of our country.

The Publishing Work is organized according the commercial law and we can print and sell all kind of books.

Unhappily we did not profit of such a good situation.

During the last three years, the publishing men ask a new book. Only the health magazine has been printed and it mantains its honorable place in the market.

You have four Missions in strategical situation, just in the middle of the Atlantic Ocean — Madeira, Azores, Cape-Vert and S. Thomas. Do you want to see green beauties and marvelous embroidery? Come to Madeira. Do you like pine-apples? We have them in the Azores Archipelago. Do you like to see dark and rocky islands, without grass, without trees? Just go to Cape-Vert Islands. At S. Thomas you find the most well equiped farms of all Africa and the most delicious fruits of the earth. Of course, you find also mosquitoes, flies and any kind of insects, diseases, misery and sad conditions. To travel in these islands is the most venturous experience. When we are there we don't understand England sent Napoleon so far away to Saint Helen island! Your Portuguese missionaries in our Cape-Vert islands live in the worst conditions. But, at the same time, these are lands of opportunity and your missionaries are just building the foundations of an important work.

To open an adventist mission station in a Portuguese island it is not only a question of money — it is necessary a kind permission of the local authority, generally a strong catholic one.

All our missionaries and home workers have made a good pioneering work.

They have opened the trehches with the hope, in a near future, the Lord of the field will send a better kind of men to realize a better work!

They are very thankful to their Mother Division for every good things received.

## STATISTICAL REPORT OF T

DURING THE FIRST THREE

### G. — GOALS FOR THE YEAR

CHURCHES	Baptisms		Tithes obtained	Big Week		H. I. Campaign	
	G.	R.	At the end of Octobre	G.	R.	G.	R.
1 Lisbon . . . . .	30	34	78.473 Esc.	4.000 Esc.	4.053 Esc.	15 950 Esc.	17.101 Esc.
2 Porto . . . . .	15	15	40.155 »	1.650 »	1.750 »	6 600 »	10.000 »
3 Coimbra . . . . .	6	4	8.146 »	600 »	620 »	2.600 »	2.658 »
4 Tomar . . . . .	10	—	10.486 »	990 »	318 »	4.400 »	4.715 »
5 Niza . . . . .	6	4	914 »	325 »	322 »	2.300 »	4.546 »
6 Seminário . . . . .	10	3	19.052 »	1.800 »	1.871 »	10.000 »	10.107 »
7 Portalegre . . . . .	20	—	5.903 »	400 »	400 »	2.550 »	2.598 »
8 Ribeira de Niza . . . . .	6	4	639 »	165 »	50 »	660 »	655 »
9 Barreiro . . . . .	10	12	4.618 »	600 »	600 »	2.600 »	2.620 »
10 Setúbal . . . . .	10	18	6.338 »	700 »	—	4.000 »	4.615 »
11 Algarve . . . . .	10	2	2.276 »	600 »	556 »	2.530 »	3.010 »
12 Madeira Mission . . . . .	15	21	29.500 »	1.500 »	1.500 »	5.060 »	5.260 »
13 Azores Mission . . . . .	36	5	14.000 »	1.650 »	1.119 »	2.500 »	4.000 »
14 Cape-Vert Mission (1). . . . .	40	20	12.385 »	1.100 »	—	—	1.184 »
15 S. Thomas Mission . . . . .	15	33	16.700 »	1.200 »	1.400 »	2.750 »	919 »
Total . . . . .	239	175	249.385 Esc.	17.280 Esc.	14.559 Esc.	64.480 Esc.	73.788 Esc.
In dollars . . . . .			\$10.400		\$619		\$3.155

(1) The two first quarters.

# quesa, referente a 1948,

## uxelas, em Dezembro (15 a 22)

In your Portuguese Union you have now, in the active work:

- 8 Pastors — Viegas, Ferreira, Gomes, Raposo, Leal, Ribeiro, Lourinho, Miranda.
- 10 Evangelists — Reis, Pires, Cordas, Grave, Laranjeira, Miguel, Simões, Esteves, Miranda, Gregório.
- 7 Workers making the first experiences — J. Mendonça, M. Mendonça, M. Lobato, J. Abella, Pontes, Pinto, Menezes.
- 5 Joung Ladies in different activities: Sommer, Godinho, Reis, Montês, Nunes.
- 4 Teachers: M. Lourenço, L. Ferreira, M. José, R. Raposo, J. Nunes.
- 3 S. Thomas Mission helpers.
- 10 Colporters (average per month).
- 47 Different workers.

May be we miss some name and we present our best excuses.

We began the Bible Correspondance School. During this first part of the year, we enlist less than 400 students but we have real hopes we can get thousands of students. Steps have been made for an intensive work begining at next January.

An agressive evangelistic work had just begun, at the 1.<sup>st</sup> November and hundreds of attentif auditors came to the meetings, everywhere, but specially at Portalegre, Coimbra, Lisbon and Faro.

Our Publishing Work has been handicapped by lack of new books. We don't print a book since three years! Nevertheless this gallant departement presents a report with 6.367 hours of work, 3.000 old books sold, 2.217 new suscriptions to our magazines and 13.300 magazines sold to the public a total of \$5.000, as you can see in the report of the Portuguese Conference. We can't give now the Union report.

During this year 1948 one of the best catholic

magazines did an attack against us. We replied in truth and sincerity and the attacks stopped. They pointed us as «the most diligent protestant organization in making new adepts among portuguese people».

In good conscience we worked in order to realize all recomendations made in this winter council last year. May be we failed some but it was lack of capacity, not lack of good will.

Your Portuguese Union has some important needs.

But as we are a small field, the needs are not to much expensive.

If you give us the same appropriation as last year, may be we can maintain the same work.

But we know you like to help for a better work. We need \$4.000 as a gift or as a lending for publishing a new good book.

You voted \$30.000 to buy a school; farm and building. But we could not realize your kind vote. We need \$60.000 for the project. May be next year it is necessary a little more. Such is the Portuguese life.

We need chapels, at least two. In a town we have a church of near one hundred members without a decent meeting house.

We need some \$8.000 over the regular building amount for this year. We think you shall give to your Portuguese Union some \$4.000, as we have collected the same amount.

We need freedom for selling our books in the Portuguese colonies where the organization has only one mission in the interior, among the natives, as in Mozambique, for instance.

We can make bigger editions of books and, of course, cheaper one.

And most surely, we need, over all things, a greater measure of the Holy Ghost, «a ghost of knowledge, of intelligence, of advice, of strength» in order to know how to conduct the evangelization of our country if you cannot or if you do not desire to help us, this time.

We have no complain to present, if not. So often this Division gave a kind hearing to our needs that we have nothing to say if this time we receive nothing.

## THE PORTUGUESE UNION

### QUARTERS OF 1948

### R. — RESULTS AT THE END OF OCTOBRE

Sabath School		13 <sup>th</sup> Sabath		Youth Col.	Building Fund		Evangelisation Fund	
G.	R.	G.	R.	R.	G.	R.	G.	R.
800 Esc.	7.426 Esc.	1.540 Esc.	349 Esc.	1.424 Esc.	4.000 Esc.	1.789 Esc.	500 Esc.	237 Esc.
000 »	7 225 »	1 200 »	1.605 »	725 »	2.000 »	1.612 »	250 »	300 »
200 »	1.213 »	400 »	436 »	175 »	250 »	5.277 »	150 »	—
880 »	2.313 »	495 »	578 »	168 »	350 »	719 »	200 »	159 »
660 »	588 »	186 »	112 »	130 »	200 »	3 904 »	100 »	147 »
990 »	1.085 »	350 »	376 »	180 »	500 »	725 »	300 »	180 »
320 »	2.764 »	495 »	595 »	183 »	350 »	570 »	200 »	35 »
660 »	699 »	220 »	349 »	104 »	250 »	280 »	100 »	95 »
880 »	800 »	220 »	165 »	170 »	300 »	641 »	150 »	150 »
600 »	1.405 »	400 »	394 »	422 »	500 »	947 »	200 »	—
880 »	737 »	260 »	247 »	286 »	250 »	413 »	100 »	63 »
742 »	2.633 »	880 »	792 »	320 »	500 »	501 »	500 »	291 »
970 »	2 660 »	660 »	459 »	158 »	1 000 »	531 »	300 »	125 »
408 »	1.114 »	440 »	247 »	170 »	600 »	—	600 »	—
618 »	5.101 »	1.320 »	3 000 »	358 »	400 »	1.352	400 »	175
608 Esc.	35.763 Esc.	9.046 Esc.	9.704 Esc.	4.983 Esc.	11.450 Esc.	19.259 Esc.	4.050 Esc.	1.955 Esc.
	\$1.519		\$412	\$208		\$818		\$85



## NOS AÇORES

Na **Ilha de S. Miguel**, o nosso evangelista M. Miguel, obteve êxito muito apreciável na Campanha das Missões, se considerarmos o espírito romanista intransigente do povo, em geral.

O **Pastor M. Lourinho**, director da Missão Açoriana, comunicou a nova agradável de baptismos na ilha das Flores e perspectivas na ilha do Pico e Terceira.

A **Voz da Profecia**, nos Estados Unidos, enviou uma lista de estudantes açorianos, em várias ilhas do Arquipélago, o que demonstra continuar a rádio a sua transmissão, pacata mas eficaz, do Evangelho.

Na **ilha do Pico**, continua a construção da primeira capela adventista açoriana graças à generosa dádiva da Irmã Lídia Madson, da Califórnia.

## EM S. TOMÉ

O **Pastor E. Miranda** envia notícias muito animadoras. Efectuou já dezenas de baptismos e esforça-se por atingir o alvo de 50 baptismos que a si mesmo propôs para 1948.

A **Escola primária** teve uma inscrição de 63 alunos. Está indicado para substituir o Irmão Samuel José, a caminho de Moçambique, o Irmão José Augusto, antigo aluno do nosso Seminário, onde concluiu os estudos este ano.

A **ilha do Príncipe** está merecendo as atenções do nosso Irmão Miranda que pretende hastear nela, pela primeira vez, o pendão do Evangelho.

## NA MADEIRA

Parece-nos que tiveram em 1948 um dos melhores entre os últimos anos da evangelização naquela ilha.

O alvo de baptismos oficial foi ultrapassado. O mesmo sucedeu aos objectivos da Grande Semana e da Campanha das Missões que foram ultrapassados.

Voltou para a escola do Funchal a Irmã Lucília Ferreira, após o estágio dum ano no Seminário de Portalegre.

Roguemos a Deus para que não permita o nosso desalojamento do sítio actual, ou nos ajude a encontrar outro igual ou melhor.

## EM CABO VERDE

Continua a batalha da fixação e evangelização.

A presença do nosso Irmão J. Esteves na capital e a fixação da nossa sede ali pode dar-nos certas facilidades, visto ser possível às Ex.<sup>mas</sup> Autoridades conhecerem de perto a nossa obra.

A crise parece continuar este ano pela carência de chuvas.

Temos obra activa em quatro ilhas: Brava, Fogo, S. Tiago e S. Vicente. Lutou-se para obtenção dos objectivos de 1948 e, se não houve êxito absoluto, pouco deveria ter faltado.

A **Escola na Brava** continua com elevada frequência. No ano de 1948 houve 83 alunos. Parece-nos impossível que uma só professora pudesse leccionar tanto aluno.

## NO CONTINENTE

Algumas poucas igrejas não puderam alcançar o objectivo de baptismos, mas como outras houve que o ultrapassaram, a média apresenta-se normal.

Em **Niza**, onde parecia haver impedimentos sérios, o Irmão J. Grave, antigo missionário de S. Tomé, alcançou notáveis êxitos, graças a Deus. Ultrapassou em muito a Campanha das Missões e teve o prazer de ver bons baptismos. Está fazendo planos para estender o Evangelho a Montalvão. Se o Seminário continuar a acção missionária em Castelo de Vide fecharmos a linha de postos a Oriente: Portalegre, Ribeira de Niza, Carris, S. Julião, Castelo de Vide, Montalvão e Niza.

Em **Setúbal** continua o bom espírito e entusiasmo daquela viva igreja. Ultrapassaram o alvo de baptismos. O M. V. continua animado e trabalhador.

É necessário planear a construção duma capela porque não têm casa bastante para conter o número de membros e nem podemos pensar em alugar outra casa já pelo preço, já porque não se encontram.

**Nas outras Igrejas** — Tudo normal, com mais ou menos êxito. Reservamos pormenores para o próximo número.

## Convenção de Obreiros

No Seminário, nos fins de Setembro, sob a direcção do Pastor A. Meyer e com a visita amável do Pastor A. V. Olson, vindo de Angola, donde recebemos boas notícias de todo o pessoal, sobretudo dos nossos portugueses.

Decidimos iniciar uma campanha geral de evangelização a 1 de Novembro.

Está em marcha e daremos pormenores no próximo número.

## Fundo de Construções e de Evangelização

Embora nem todos os Obreiros, nem todas as Igrejas, seguissem a sugestão dada no início de ano de fazer uma colecta no fim do culto de sábado, procuraram quase todos interessar-se pelos Fundos respectivos.

O Conselho da Divisão cumpriu o voto feito. De forma que terminamos 1948 com algumas boas

dezenas de contos para futuras construções, onde delas houver imediata e proveitosa necessidade.

Queira Deus dar a todos os Obreiros e Igrejas em 1949 um mais unido e persistente esforço neste sentido para podermos levantar capelas onde haja membros e interessados, sem assento possível.

Pensamos poder dizer no próximo número o quantitativo do Fundo de Construções em 1948.

## O M. V. da União

Em 1948, terminou com um decréscimo alarmante de 100 membros. Em vez de aumentar, diminuiu em algumas sociedades. Manteve-se e cresceu onde os Obreiros se preocuparam, pouco que fosse. Quase sempre, há mais juventude nas Igrejas do que a inscrita no M. V..

Mas agradecemos a todas as sociedades o que fizeram em 1948. O relatório do M. V. manteve o mesmo nível dos anos anteriores e, em certos parágrafos, aumentou.

Continuemos, pois, na mesma orientação, melhorando sempre que possamos.

No próximo número procuraremos publicar o relatório geral dos últimos dois anos.

## Pequenas lembranças de 1948

Foi o ano de maior movimento da nossa história. Sublinhamos:

1.º — Tivemos o prazer de receber o maior número de visitas do estrangeiro e, em particular, dos Estados Unidos.

Pareceu-nos que os nossos Irmãos dos Estados Unidos tiveram a curiosidade de visitar esta terra portuguesa onde termina a Europa e começa a África.

2.º — Tivemos o primeiro Congresso do M. V. português e sob a bênção manifesta de Deus. O Secretário do M. V. da Conferência Geral, Pastor Dunbar, deslocou-se de Washington para assistir a este congresso.

3.º — Uma delegação de professores adventistas portugueses ocuparam assento no Congresso Pedagógico de Florença, Itália, onde receberam provas de deferência da Direcção da Divisão e dos seus colegas. Temos a certeza que Deus os ajudou a honrar o nome do adventismo português.

4.º — O Seminário em Portalegre teve o prazer de ver o maior número de estudantes, até à data, apresentar-se a exames oficiais sem uma única reprovação. Tiveram alunos nos dois ciclos liceais.

5.º — Tivemos a honra de ser atacados pela Imprensa romanista. Um jornal da província e a nossa melhor revista literária, «A Brotéria», ocuparam-se de nós em termos tais que nos obrigaram a dar-lhes resposta.

Também o mesmo aconteceu na Madeira, Açores e outros campos.

Mas podemos reter com satisfação a causa desses ataques: consideraram os Adventistas, o mais agressivo agrupamento protestante no que respeita a fazer prosélitos.

De facto, não é o comunismo ou a política que nos interessa, mas sim salvar almas para a vida eterna, através do Evangelho.

6.º — Um obreiro português, o Pastor M. Leal, foi enviado à Inglaterra, durante o Verão, a cursar estudos sobre evangelismo. Voltou muito animado e com orientações que, postas em prática, devem dar excelentes resultados. Representou este gesto um particular interesse denominacional pela União Portuguesa.

7.º — Além da admissão de grande número de alunos ao Seminário de Portalegre — de facto, o máximo número indispensável às exigências da nossa Obra portuguesa — vimos a partida para o Seminário de Collonges, em França, de sete alunos portugueses. Nunca Collonges viu tanto português num só ano lectivo! E ainda é de registar que quase todos pagam as suas despesas.

8.º — Tivemos o prazer de dar ao trabalho adventista em Moçambique um casal de antigos alunos do Seminário e professores com estágio feito.

Temos mais um casal pronto a aceitar qualquer apelo de África, nas mesmas condições e mais se prepararão no decorrer do ano.

Estamos prontos a dar às Missões o que houver de mais experimentado e prometedo no nosso campo. Não é de balde que todos os anos, sob perseguição e má vontade, os nossos Irmãos e Irmãs ultrapassam o objectivo da Campanha das Missões.

9.º — É natural que tivessem aparecido muitas nuvens escuras, durante os 366 dias de 1948. Mas com tantos dias de sol brilhante, que poderemos nós fazer senão encher-nos de de optimismo e pôr em prática o que cantamos com frequência:

*«Conta as bênçãos,  
Conta quantas são,  
Recebidas da divina mão!  
Uma a uma, di-las de uma vez,  
E verás, surpreso, quanto Deus já fez».*

## COIMBRA

Segundo as indicações dadas pelo Conselho da União, assumiu o trabalho de evangelização nesta cidade, no tempo de que pudesse dispor dos seus vários trabalhos, o Irmão A. Dias Gomes, auxiliado pelo Irmão dr. Nunes Branco.

O resultado dos auditórios às reuniões públicas de Domingo, foram:

1.ª	reunião, pelo dr. Nunes Branco ...	54
2.ª	» por A. Dias Gomes .....	113
3.ª	» pelo dr. Nunes Branco ...	145
4.ª	» por A. Dias Gomes .....	150
5.ª	» pelo dr. Nunes Branco ...	180
6.ª	» por A. Dias Gomes .....	180

O problema de Coimbra já não é como obter auditório mas como alojá-lo e, sobretudo, o que poderemos dar a um auditório de cavalheiros, senhoras e estudantes universitários. Estamos muitíssimo mal de meios para lhes dar aquilo que eles merecem e devem esperar na universitária Coimbra, onde passam durante o ano os melhores conferencistas do mundo e onde realizam as suas dissertações num ambiente e com meios de que, infelizmente, não dispomos.

## Judeus em Espanha

Em Espanha havia, desde o tempo dos visigodos, numerosos judeus. A tolerância dos árabes permitiu-lhes multiplicarem-se e medrarem em conhecimentos e riquezas; fundaram-se então escolas judaicas em Córdoba, Toledo, Barcelona e Granada cujos discípulos rivalizaram com os muçulmanos na cultura das ciências e das letras.

## Judeus em Portugal

Desde épocas muito remotas, se haviam estabelecido na península Ibérica colónias israelitas mas não é fácil determinar, com exactidão, quando é que teriam aparecido pela primeira vez.

Certo é que a existência dos judeus na península, precede quaisquer documentos conhecidos, da antiga Espanha.

Afonso Henriques (1123-1185) entrou em Santarém em 1147 e já ali estava uma sinagoga judaica. Recebeu finezas dos judeus e até deu brasão de nobreza ao judeu Yahia ben Yaisch.

Sancho I (1185-1211) continuou a usar com os judeus da mesma tolerância que seu pai e nomeou Josefo ben Yahia almoxarife-mor do reino, permitiu que em Lisboa se fundasse uma sinagoga de construção bela e magnífica.

No tempo de Afonso II (1211-1223), fizeram-se leis de repressão ao judaísmo. Judeu convertido ao cristianismo seria morto, se voltasse para a sua antiga fé. Nenhum judeu podia deserdar um filho por este ter adoptado o cristianismo.

Dinis, rei poeta, foi um grande protector dos judeus. Escreveu aos juizes de Bragança ordenando-lhes que não consentissem que alguém prejudicasse os judeus. Um dos homens mais influentes do seu tempo foi o arrabi-mor D. Judá que geria os negócios da fazenda pública e que era tão opulento que pôde emprestar a um nobre dinheiro para comprar a vila de Mourão. Sucedeu-lhe seu filho D. Guedalia ben Judá no cargo.

Nos dias de Afonso IV sentiram os judeus um pouco mais de aperto. Já seu filho Pedro os protegeu e nomeou para seu almoxarife um judeu D. Moisés Navarro.

# Relembrando um capítulo DA HISTÓRIA

Nas lutas entre portugueses e espanhóis, nos tempos do rei Fernando, ardeu a sinagoga judaica de Lisboa e muitos judeus de valia mental retiraram para Espanha.

Morto o rei Fernando, D. Leonor perseguiu um pouco os judeus.

Em 1391, nos tempos de João I, deu-se em Espanha uma mortandade medonha nos judeus. Em Sevilha, uma multidão de fanáticos assaltou a judiaria e matou num só dia 4.000 judeus. Em Barcelona, Toledo, Burgos, Valência e Córdoba, as judiarias foram incendiadas e os seus moradores primeiro espoliados e depois assassinados.

Quando a notícia do acontecimento chegou a Portugal, o rei fez público que era sua vontade que, tanto os judeus naturais, como estrangeiros refugiados em Portugal, fossem protegidos e que houvesse procedimento contra quem os molestasse.

*S. Vicente Ferrer* que, segundo diziam, tinha operado grandes conversões na Espanha, pediu licença de entrar em Portugal e pregar contra os judeus. O rei respondeu-lhe que, se entrasse no reino, lhe mandaria pôr na cabeça uma coroa de ferro em braza. «É verdadeiramente notável — disse certo historiador — o espírito de tolerância deste rei que entendia que todas as crenças deveriam ser respeitadas ainda que diversas das suas e da maioria dos portugueses e, não recuando nunca no caminho da tolerância que empreendera, concedeu aos judeus privilégios que permitiam o livre exercício das suas crenças».

Nos tempos de Afonso V, nas Cortes de Santarém, os delegados decretaram que fosse proibido aos judeus o uso das sedas, sintoma da riqueza desta raça entre nós. Houve em Lisboa também um motim contra os judeus que o rei reprimiu com violência.

D. João II, diz Mendes dos Re-médios, não se mostrou a princípio hostil aos judeus. O instinto administrativo que depois o levou, contra o juízo dos seus conselheiros, a admiti-los no reino, guiou-o logo desde os primeiros passos no governo e administração do povo cujos destinos lhe foram confiados e que ele encaminhou tão superiormente que a sua época marca um período verdadeiramente glorioso e gloriosamente feliz na história de Portugal.

Começou a privar com os judeus porque reconheceu neles aptidões que não eram para desprezar. Admitiu-os ao seu convívio, porque a ilustração que exornava alguns homens notáveis daquela crença e os singularizava como hábeis médicos, astrónomos e matemáticos, aproveitava admiravelmente aos planos de conquista «por mares nunca dantes navegados». Em especial o conhecimento de astronomia dos judeus, celebrados em toda a parte, não deveria contribuir pouco para a benevolência com que foram acarinhados no princípio deste reinado.

Na corte de João II havia médicos e astrónomos judeus de grande fama. Mestre Rodrigo e Mestre João, médicos distintos, e o judeu Martim de Behaim, astrónomo alemão, foram encarregados pelo rei de descobrirem os processos matemáticos da navegação no alto mar. As grandes descobertas dos portugueses devem-se à ousadia nossa e à cooperação científica dalguns judeus. O Infante D. Henrique, na sua base de Sagres, recorreu aos bons serviços de D. Judas Crescas, conhecido pelo «Judío de las Brujulas» pela sua perícia em construir as bússolas. Na junta dos matemáticos, criada pelo rei, figuravam Mestre Rodrigo, Mestre José de Viseu e o cartógrafo Mestre Moisés. Abraão Zacuto, professor de astronomia na Universidade de Salamanca, forneceu os elementos necessários para o

# NACIONAL

cálculo das latitudes e composição do «Regimento» da esquadra. Vasco da Gama, antes de partir, recebeu instruções do mesmo Judeu que lhe indicou o modo de orientar-se em viagem. Foi Abraão Zacuto um dos melhores génios judaicos da Península. Foram ainda as diversas assembleias judaicas que facilitaram a missão de Afonso de Paiva e de Pero da Covilhã, enviados à Abissínia. Afonso de Paiva morreu em Ormuz nos braços dum comerciante judeu que trouxe a Portugal a notícia das coisas descobertas por ele.

## Introdução da Imprensa

*Outro valioso serviço prestaram os judeus com a introdução da Imprensa, quase logo após a sua descoberta. As primeiras oficinas foram estabelecidas em Faro, Lisboa e Leiria.*

*Em 1487 publicou-se na tipografia de Faro o Pentateuco hebraico que se supõe ter sido o primeiro impresso com vogais.*

*Em 1489 era impresso em Lisboa o Pentateuco.*

## Caracteres dos judeus portugueses e espanhóis

*«Estes judeus são conhecidos sob o nome de Sefardim. Pela sua longa permanência na Península, — tão longa que a sua origem é ainda objecto de estudo dos arqueólogos mas que, com certeza, data de séculos antes da queda final de Jerusalém — e pelas suas relações com a vida íntima das nações da Península, não se sentiam como estrangeiros aqui, antes tinham adquirido os hábitos de pensamento das raças indígenas, o seu mesmo falar e compartilhavam em tudo da vida nacional. O castelhano e o português tinham-se soldado à alma deles, com tanta pertinácia que ainda hoje é falado*

*pelos descendentes daqueles que, há quatro séculos, fugiram à perseguição e se acolheram aos países que estavam então sob o domínio da Turquia. Os judeus saídos de Portugal para a Holanda ainda continuam o uso da nossa língua no uso familiar e da sinagoga.*

## Expulsão de Espanha

Tinha-se estabelecido em 1480 a Inquisição. Um dos mais ferozes inquisidores foi, sem dúvida, Torquemada. As masmorras de Espanha encheram-se de judeus e a tortura encarregava-se de lhes extorquir as confissões que mais conviessem aos algozes. Os cantos lúgubres dos penitentes caminhando para a morte e os gritos de angústia dos moribundos ecoavam por toda a Espanha. Torquemada queimou vivos em Espanha 10.220 indivíduos, em efígie queimou 6.860 e reconciliou — Reconciliou? — com a Igreja 97.321. Finalmente, a 31 de Março de 1492, os Reis Católicos publicam o édito de expulsão, do palácio encantado da Alhambra. O édito invoca apenas os interesses da fé católica e os esforços dos judeus por atraírem os cristãos novos.

## A saída dos judeus de Espanha

*«A Espanha era tão sua como dos cristãos de raça gótica ou hispano-romana; estavam presos a ela por todos os laços que aferram os homens e as famílias à terra em que vivem eles e em que viveram os seus antepassados. Demais não perdiam só a pátria, tinham de perder com ela grande parte dos seus haveres... As vendas forçadas num curto prazo, simultâneas, deviam ser ruinosas. E foram-no realmente. Um cronista viu trocar um burro e uma vinha por um fato!... Os míseros condenados viram, pois, cair sobre eles toda a espécie de males; todavia poucos se sujeitaram a mudar de*

*religião para a evitarem, apesar dos esforços do clero católico neste sentido e prepararem-se para sair de Castela e de Aragão, pelo caminho da África, de Portugal e da França». — (C. Cantú, vol. 12, pág. 134).*

Diz Herculano na «História da Inquisição»:

*«Aquela raça mesquinha, interesseira e tímida, no seu viver quotidiano entre os cristãos, assumia agora uma grandeza notável: mostrava despreendimento dos bens terrenos e ânsia do martírio».*

## Entrada em Portugal

*Muitos destes judeus, uns 80.000, bateram às portas de Portugal. À pressa se reuniu o conselho de Estado, onde o fanatismo tinha assento. Os conselheiros, salvo raras excepções, votaram contra um gesto de caridade mas, segundo diz Pinheiro Chagas, «o rei, mais do que eles ilustrado e piedoso, não fazendo caso de tais e tão estúpidas advertências, permitiu aos judeus, impondo-lhes um tributo de tantos cruzados por cabeça, que entrassem no reino e que se demorassem aqui durante oito meses até passarem à África, permitindo até a bastantes, artistas destros, que estabelecessem a sua residência no reino, donde os havia de expulsar, com aplausos de Rui de Pina, o sucessor de João II, o excelso senhor rei D. Manuel I».*

## Expulsão dos judeus de Portugal

Casamento de Manuel com sua prima Isabel, filha dos reis católicos e viúva do falecido príncipe Afonso.

Diz Pinheiro Chagas:

*«Tinha a futura rainha de Portugal no carácter a mesma nódoa de fanatismo que empanava as brilhantes qualidades de sua mãe. Era hereditária na família aquela mancha sombria. Parecia que Torquemada os educara a todos».*

Reunido o conselho de Estado, muitos conselheiros votaram contra o decreto de expulsão dos judeus.

O rei passou sobre esta opinião e não só decretou que fossem expulsos os judeus, como também os árabes. Concedia-se um curto espaço de tempo e prometia-se na-

vios. O rei sonhava com uma conversão em massa. Mas os judeus, em vez de se converterem, preparavam-se para sair da terra que era sua, onde tinham nascido e onde tinham esperado morrer. Quando o rei viu isto, expediu de Estremoz uma ordem para que fossem retidos no reino os filhos e filhas de idade inferior a 14 anos e confiados a famílias católicas. Só poderiam ficar na posse dos pais se estes se quisessem converter e baptizar.

Outro historiador esclarece:

«D. Manuel encerra o debate, opondo a todas as razões em contrário a sua real vontade: «Dicens quod pro sua devotione hoc faciebat et non curabat de juri-bus». — («H. Monumental», vol. 32, pág. 223).

## Diferença na expulsão dos árabes e judeus

Os árabes podiam sair com toda a sua família enquanto os judeus deviam deixar ficar os filhos. Como explicaram os poderes públicos de então esta diferença?

*Por receio de represálias sobre os cristãos que estavam sob o seu domínio em África.*

A História tropeja pela pena de Pinheiro Chagas:

«E ousavam os perseguidores confessar, no cavalheiresco século XVI, este motivo ignóbil e cobarde! Assim porque os pobres judeus, raça desgraçada que vagueava por todo o mundo, proscrita e sem amparo, eram fracos e desprotegidos e não podiam recal-citrar, fazia-lhes um rei português toda a qualidade de vilanias, sujeitava-os às mais incomportáveis torturas mas não se atrevia a fazer o mesmo aos mouros porque estes tinham quem os defendesse e quem os vingasse e sabiam manejar a lança e a espada e, como leões do deserto, morreriam matando se lhes arrancassem a prole. E era cristão e era cavaleiro e era português, este rei de tão baixos sentimentos, a quem aduladores coronistas chamaram, decerto por antífrase, o Grande!»

Afirmações curiosas de Adolfo Benarus, autor judeu:

«O clero opôs-se a esta medida (expulsar os judeus).

«O Bispo de Silves, D. Fernando Coutinho, assumindo uma atitude nobre e cheia de isenção, citou autoridades eclesiásticas e bulas papais, para demonstrar que os judeus não eram obrigados a aceitar o cristianismo porque a conversão tinha de ser precedida de confissão livre e não forçada. Mas D. Manuel estava tão empenhado em deter no reino os judeus tão industriais que publicamente declarou que leis e autoridades pouco lhe importavam: só ouviria a sua própria vontade».

## O baptismo dos filhos dos judeus

Diz Pinheiro Chagas:

«Era, pois, um espectáculo miserando esse que se podia observar em todo o reino no domingo de Pascoela do ano 1497. Aqui os judeus escondiam os filhos, ajudados por muitos cristãos velhos que deles se compadeciam e sentiam, como sua, a dor daqueles pais e daquelas mães. Além, outros, loucos de dor e levados pelo excesso de despotismo a um estado de selvajaria que se compreende, de puro desespero, matavam os inocentes já que o destino os condenava a separarem-se deles para sempre, sem esperanças de os tornar a ver, outros suicidavam-se para fugirem a um mundo onde tantas infâmias se praticavam em nome do instinto mais nobre da criatura humana: o instinto religioso!»

O romancista Campos Júnior reconstitui a cena deste tremendo domingo de Pascoela nos seguintes termos:

«Rompeu turva de nuvens a madrugada de domingo de Pascoela do ano da Graça de 1497. Vila Nova, o bairro dos judeus, achava-se cercado de homens de armas, besteiros do município e espingardeiros; as portas da cidade conservavam-se fechadas; as pesadas cadeias que isolavam a judiaria ainda não tinham sido abertas e da banda do Tejo batéis cheios de gente armada completavam o cerco de Vila Nova. Era impossível fugir. Na frente dos homens de armas destacavam-se, num grupo estranho, oficiais da justiça de el-rei, alvazis, meirinhos, frades

que traziam nas mãos grandes crucifixos com o divino Jesus cinzelado em bronze ou em marfim.

— Em nome de El-Rei, escutai! — bradou de pé nos estribos, um pregoeiro de proporções atléticas e voz de estentor. Mas o ruído era enorme e a voz do pregoeiro perdeu-se como um brado inútil por entre os escaracéus do oceano revoltado.

— Em nome de El-Rei escutai! — repetiu o pregoeiro com maior esforço.

Este brado foi repetido pelos homens de armas e pelos oficiais da justiça. A turba ficou então silenciosa.

— Rabi-mor que fostes das judiarias destes reinos! — clamou o pregoeiro.

E um velho judeu, alquebrado e trémulo, respondeu debilmente, erguendo os braços quase junto das cadeias que fechavam a embocadura da rua.

— Eu sou, dizei!

— Quer Sua Alteza o mui alto e poderoso Senhor D. Manuel que Deus guarde, rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar, em África, Senhor da Guiné e Congo, que por este pregão vos deis por intimado, vós, Rabi-mor que fostes das judiarias destes reinos, a receberdes, cumprirdes e fazerdes cumprir por todos os vossos o real decreto que manda reter em terras de Portugal, entregar e remir pelas santas águas do baptis todos os das vossas tribos que forem menores de catorze anos.

O pregoeiro não pôde completar o aviso nem ler o decreto. Um grito enorme, longe e trágico, feito de mil almas despedaçadas e de mil desesperos vibrou nos ares espantosamente e foi vibrado pelas ruas de Vila Nova cada vez maior e mais doloroso!

Abriam-se então as cadeias de Vila Nova e começou a caça aos neófitos para os levarem à pia baptismal das igrejas da cidade, já engalanadas e com altares resplandecentes de luz para aquela sacrílega violência. Num doído acesso de amor maternal que trágicos lances de humilhação, de hipocrisia e de selvático desespero! Mães que se rojavam de joelhos a invocar o nome de Jesus para que as deixassem ir com os filhos, outras que pediam o baptismo, numa fingida conversão, para que as não apartassem das suas criancinhas; algumas, na loucura da sua dor, iam lançar-se ao Tejo, abraçadas aos pequenitos, para

que a imensa mortalha das águas as cingisse unidas a eles!

A porta da sinagoga, dois judeus apenas defendiam o templo. A turba e os frades incitavam então os soldados que por um momento haviam recuado espavoridos.

— Sus! A eles! A eles! — bramia a canalha.

— Por Jesus Senhor nosso, matai esses cães — regougava um franciscano, agitando no ar o crucifixo que as suas mãos conspurcavam.

Jesus, que esplêndida conquista de almas para a tua religião de misericórdia e de amor, ó meigo Nazareno, que protegias os miseráveis e acarinavas os pequenitos! («Guerreiro e Monge»).

## Quem tinha a culpa desta desgraça?

«Não era ela (D. Isabel) terra flor batida pelo vendaval da desgraça, tão cedo murcha e prostrada pelo tufão da morte, que Deus tornaria responsável pelo nefando crime de perseguição à raça hebreia mas sim os seus educadores e essa pléiade fanática de monges sinistros que pousavam, como outros tantos morcegos, nos degraus do trono dos reis católicos». — (P. Chagas).

*(Continuaremos, no próximo número, a lembrar as consequências desta intolerância religiosa na pátria portuguesa).*

# ao correr da pena...

## CONCLUSÃO DA PÁGINA 2

*Dá a triste impressão de dividirem o «bolo» entre compadres. A Comissão recebeu autoridade para nomear membros da Igreja e não para se nomear a si própria. Se a Igreja é tão diminuta que não tem mais ninguém a nomear do que os membros da Comissão, será bom restringir esta a um mínimo de três membros. Se a comissão é formada pelos únicos membros nomeáveis, declinem a responsabilidade da nomeação no Conselho da Missão, da Conferência ou da União. Nomear-se a si mesma, é o cúmulo. Que diríamos dos indivíduos que colocassem nas urnas os seus próprios nomes?*

2.º — *Toda a nomeação deve caducar se o membro nomeado não executa a sua função ou porque não está para maçadas ou porque a sua vida não lhe permite executá-la ou até por simples obstruccionismo. Para isso, o Obreiro local deve estar alerta e, por dever de cargo e porque recebe salário ao fim do mês, tem por obrigação procurar pôr ao trabalho o nomeado ou assumir ele próprio a função.*

*Os Irmãos e Irmãs fazem se querem ou podem fazer, por devoção e não por obrigação. O Obreiro deve fazê-lo por devoção e obrigação.*

*A Sociedade do M. V. não tra-*

*balha? Por quê? Por que não tem reuniões regulares? Por que a sua direcção está falha? Pois bem, o Obreiro toma as suas medidas.*

*A Sociedade Missionária como trabalha? A direcção da mesma assume a responsabilidade ou é apenas para o quarto de hora missionário ao sábado? etc., etc..*

3.º — *Os Irmãos e Irmãs nomeados para os diferentes cargos ajudariam imenso a sua Igreja se procurassem indagar, em sua boa consciência, se podem e querem executar a sua missão. Caso vejam que, com a melhor das boas vontades, não poderiam responder à média das exigências do respectivo cargo, ficava-lhes muito bem renunciar a ele desde o princípio. Tomar-se-iam logo as medidas necessárias. Assim se evitaria a deslealdade dum director da Sociedade Missionária que vai para férias ou dá parte de doente quando chega a Campanha das Missões, etc., etc..*

*E já agora vem a propósito lembrar um facto autêntico. Em certa igreja, a comissão de nomeações nomeou-se a ela própria, porque eram precisas pessoas «capazes». Três meses depois, o mais decidido dos seus membros, nomeado director ou secretário da missão interior desertava da igreja... sem prestar contas da caixa!*

## O Concílio Mundial de Igrejas

(Conclusão da página 4)

que se pede de nós é que no meio da desordem política e social do mundo, sejamos Suas testemunhas, como discípulos e servos de Jesus!»

O prof. C. H. Dodd diz, também, o seguinte: «Não é provável que quando se discutem assuntos religiosos, se esteja a ouvir a autêntica Palavra de Deus. Quando aprendemos a linguagem em que Deus nos fala, tem Ele sempre, para cada um de nós, a palavra apropriada. Se no século sexto, antes de Cristo, a queda da Babilónia e o engrandecimento da Pérsia estiveram na palavra profética de Deus a Israel, também deve haver hoje, a palavra própria para a queda e levantamento das nações, em tão grande escala. Nos Evangelhos estão os ensinamentos de Jesus, e neles também há a palavra de ordem para a actual situação. Por toda a parte se nota o desejo que desta assembleia saia a palavra apropriada para a necessidade desesperada das nações.

Mas tal palavra deve ser a Palavra de Deus e não a nossa. Por isso a devemos ouvir... Como cristãos, somos homens que aprendemos, em certo sentido, o caminho para o centro da história, onde a Palavra de Deus se fez ouvir.

Devemos, agora, colocar-nos no lugar próprio da história, tal como Deus o quer, na presença de Jesus Cristo, a Palavra viva, e, então, ouvir o que Deus tem para nos dizer».

Foram estas, por certo, exortações impressionantes; da resposta dos delegados depende o sucesso ou o malogro do Concílio Mundial de Igrejas. Estas declarações revelam a gravidade da actual situação. Não podemos concordar com tudo quanto foi dito, nem poderemos concordar com todas as soluções propostas, mas isto não diminui a importância do que ali foi dito e proposto.

## Notícias de Faro

O nosso Irmão F. Cordas está muito animado no trabalho de evangelização de Faro. A sua amável sala está ultracheia de atentos ouvintes, cavalheiros, senhoras e juventude. Tem colocado dezenas de Encíclicas. O problema de Faro é idêntico ao de Coimbra. Oremos pela sementeira nos dois lugares.

# UMA CARTA DOS AÇORES

Prezado Irmão e senhor:

As nossas Irmãs, aqui, portaram-se heróicamente. Apesar dos apupos de «protestantes» e de várias espécies de ameaças (na freguesia de St.ª Bárbara, algumas mulheres saíram à rua, empunhando uma «tranca», barafustando e chamando «coisas e loisas»). Nada as detinha. Como sabe, nestas freguesias, o dinheiro abunda pouco, regra geral, e, então, tínhamos que aceitar toda a espécie de dádivas: maçarocas de milho, ovos, trigo, batatas, abóboras, tomates e peixe seco. Eu tive oportunidade de acompanhar as nossas irmãs de porta em porta e sentir quanto extenuante é tal trabalho em tais condições. Valeu-nos o «Ford» do Irmão Lourinho. À medida que avançávamos, estrada em fora, grupo dum lado, grupo doutro, batendo em todas as portas e nos distanciávamos do carro — que qual pacífico animal, aguardava prazenteiro as brancas maçarocas que lhe íamos atirando para dentro, — abandonava eu os grupos e voltava atrás a buscá-lo, colocando-o a certa distância para a frente dos grupos, aos quais me vinha juntar de novo e auxiliar as nossas irmãs que, sobrecarregadas com o peso dos «cambulhões» de milho e das sacas com maçarocas, lá vinham, apesar disso, risonhas e entusiasmadas. E, isto, por vezes, debaixo dum sol quentíssimo que, de mistura com a

humidade do clima, se tornava abrasador. Havia, contudo, a atenuar a inclemência da temperatura, a compaixão, por vezes, dalgumas boas almas que sabiam reconhecer o valor de tal trabalho: «Que sacrifício, minhas senhoras» — diziam. — «Deus não deixará, por certo, de abençoar o vosso trabalho». E, assim foi. Deus abençoou-nos nos nossos esforços. Só em milho, juntámos 27 alqueires ou sejam 4 sacos e 3 alqueires (não sei se o Irmão conhece estas medidas açorianas) no valor de 626 escudos e tal. Como nem todos podiam ficar com a revista (a troco duma ou duas maçarocas), valeu-nos os folhetos de Verdades Eternas que íamos entregando, de modo que uma boa distribuição pudemos fazer por onde passámos.

Mas o diabo não dorme. Alarmados, os padres (creio), entraram em acção, publicando, no jornal «A União», um aviso a todos os párocos e paroquianos, por certo, contra o «Abuso Imperdoável» (isto é o título), cometido pelas mulheres protestantes que andavam enganando a boa fé dos católicos.

Mas Deus está acima de tudo e as nossas Irmãs não desfalecem.

Sem mais, recomendações nossas para todos os Irmãos e Irmãs no Continente. Minha esposa continua doente e esperando... Os miúdos e eu, bem.

R. MENESES

## RELATÓRIO DO DEPARTAMENTO DA COLPORTAGEM

REFERENTE AOS MESES DE JANEIRO-NOVEMBRO DE 1948

### CONFERÊNCIA PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Meses	Colportores	Horas	Livros	Revistas	Total
Janeiro . . . . .	11	571	1.900\$00	7.150\$00	9.050\$00
Fevereiro . . . . .	6	350	3.050\$00	2.241\$00	5.291\$00
Março . . . . .	10	664	7.570\$00	3.200\$00	10.770\$00
Abril . . . . .	12	424	6.675\$00	3.967\$00	10.642\$00
Maió . . . . .	8	402	3.950\$00	4.330\$00	8.330\$00
Junho . . . . .	12	716	4.570\$00	6.794\$00	11.364\$00
Julho . . . . .	12	716	6.794\$00	4.500\$00	11.294\$00
Agosto . . . . .	11	882	13.510\$00	4.062\$00	17.572\$00
Setembro . . . . .	11	885	12.125\$00	4.030\$00	16.155\$00
Outubro . . . . .	10	307	3.590\$00	3.769\$00	7.159\$00
Novembro . . . . .	10	450	9.159\$00	11.341\$00	20.500\$00
Totais . . . . .	113	6.367	72.693\$00	55.434\$00	128.127\$00

Média de colportores — 10.

Nossa Mente : 2.908.

Saúde e Lar : 2.217 assinaturas ou 13.300 revistas avulso.

FERNANDO MENDES

## REVISTA ADVENTISTA

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Com a Bíblia Colónias  
Número avulso 1500 2500  
Assinaturas anuais 7500 10500

Publicada e impressa em  
Rua Joaquim Bonifácio, 17

Composição e impressão  
Tip. Irmãos S. Rodrigues  
22, Rua das Flores, 24-1350A

DIRECTOR: A. DIAS GOMES